



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA



VINÍCIUS JORDÃO SILVA

**Voleibol e a ansiedade, autoeficácia e eficácia coletiva:
Um estudo comparativo em jogadores de diferentes categorias**

Uberlândia

2019

VINÍCIUS JORDÃO SILVA

**Voleibol e a ansiedade, autoeficácia e eficácia coletiva:
Um estudo comparativo em jogadores de diferentes categorias**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para a obtenção da conclusão de graduação em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Drews

Banca Examinadora

Presidente: _____

Prof. Dr. Ricardo Drews – FAEFI/UFU

Membro 1: _____

Prof^a. Dr^a. Giselle Helena Tavares – FAEFI/UFU

Membro 2: _____

Prof^a. M^{rs}. Juliene Gonçalves Costa Dechichi

Uberlândia

2019

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à Deus, que me deu forças, me protegeu, me guiou e abençoou para que eu chegasse até essa etapa da minha vida.

Aos meus pais, Arlene e Gentil, meus exemplos de vida e dedicação, agradeço pela minha formação, pelo amor, carinho e presença constantes.

As minhas madrinhas Jussara, Albene e Zilá, que sempre me incentivaram com conselhos e apoios.

Aos meus avós Joaquim e Lourdes, que são minha base.

A minha irmã Jordana, a qual acredito que seja o significado de tudo isso.

Ao meu primo Pedro, que mesmo sem saber é meu exemplo.

Ao meu orientador Ricardo Drews, que acreditou em mim e aceitou o desafio de me orientar. Agradeço pela confiança e por todos os ensinamentos, que tanto me engrandeceram.

Ao tutor do PET Guilherme Puga, que me tratou como filho e foi um conselheiro importante, agradeço pela confiança e parceria em todos estes anos de convivência.

À comissão técnica e aos atletas das equipes Academia do Vôlei e Uberlândia Vôlei, que permitiram a realização deste trabalho. Em especial, agradeço pela paciência e compreensão ao responderem os instrumentos.

Ao Fernando e Anderson, fundamentais na coleta dos dados desta pesquisa.

A todos os meus amigos que me aguentaram durante toda a graduação, em especial, Nathalia Borges, Nathalia Santos, Iandara, Kamylla, Lorena, Lucas, Thainá, Camila, Julia, Luíza, Débora, Maria Clara, Anas, Annas, Giovanna, Willyam e Lucas Camilo.

Aos professores presentes na banca, os quais eu tenho um enorme carinho.

Aos professores e funcionários da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, por toda a minha formação profissional.

Lista de Figuras

Figura 1 - Escore médio de autoeficácia das equipes Sub-17 e Sub-21 nos três jogos.....	14
Figura 2 – Escore médio de eficácia coletiva das equipes Sub-17 e Sub-21 nos três jogos.....	15
Figura 3 – Escore médio da ansiedade das equipes Sub-17 e Sub-21 nos três jogos.....	16

Resumo

Uma série de evidências têm indicado que as variações no rendimento durante as partidas de voleibol são, muitas vezes, decorrentes de flutuações cognitivas, o que não está associado apenas à mudança no nível de habilidade motora do jogador, na sua capacidade fisiológica ou na mecânica do movimento, mas sim em seu controle mental. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo investigar os níveis de autoeficácia, eficácia coletiva e ansiedade em jogadores de voleibol de diferentes categorias. Participaram do estudo 12 atletas (homens) da categoria infante (sub-17) e 12 de categoria juvenil (sub-21), com média de treinamento na modalidade de 2 anos e 6 anos, respectivamente. Foram utilizados os questionários de autoeficácia (Bandura, 2006; Carmo, 2006), eficácia coletiva (Paes, 2014) e ansiedade (Fernandes, Vasconcelos-Raposo, & Fernandes, 2012), os quais foram aplicados previamente a três partidas de um campeonato do estado de Minas Gerais ocorrido em julho de 2019. Para análise de dados, as respostas nos três questionários das duas equipes foram analisadas por meio da análise de variância *two-way* (2 Grupos X 3 Partidas), com medidas repetidas no último fator, separadamente para cada medida. Para localizar possíveis diferenças foi utilizado o teste de *Post Hoc de Tukey*. Os resultados revelaram um aumento na autoeficácia individual após o primeiro jogo, sendo que a equipe sub-17 revelou maior autoeficácia em comparação a sub-21. Na mesma direção, as equipes apresentaram um aumento da eficácia coletiva no segundo jogo em relação ao primeiro jogo, porém nenhuma diferença entre os grupos foi localizada. Nenhum efeito em relação à mudança ao longo dos jogos e diferença entre os grupos foi encontrada na ansiedade. Os resultados permitem concluir que o aumento de vezes em que uma equipe entra em quadra influencia o atleta se sentir eficaz individualmente e possibilita um acréscimo de confiança em relação sua equipe.

Palavras-Chave: Ansiedade, Autoeficácia, Eficácia coletiva, Esporte, Motivação.

Abstract

A number of evidences have indicated that variations in performance during volleyball matches are often due to cognitive fluctuations, which is not only associated with changes in the player's motor skill level, in his physiological capacity or in the mechanics of movement, but also in his mental control. Therefore, the present study aimed to investigate the levels of self-efficacy, collective efficacy and anxiety in volleyball players of different categories. Participated in the study 12 athletes (men) of the infant category (under-17) and 12 of juvenile category (under-21), with average of training in the modality of 2 years and 6 years, respectively. The questionnaire of individual self-efficacy (Bandura, 2006; Carmo, 2006), collective efficacy (Paes, 2014) and anxiety (Fernandes, Vasconcelos-Raposo, and Fernandes, 2012) were used, which were previously applied to three matches of a championship in the state of Minas Gerais occurred in July 2019. For data analysis, the answers in the three questionnaires of the two teams were analyzed through the two-way analysis of variance (2 Groups X 3 Matches), with repeated measurements in the last factor, separately for each measurement. The Tukey Post Hoc test was used to locate possible differences. The results revealed an increase of the teams in self-efficacy after the first game, and the under-17 team revealed greater self-efficacy compared to under-21. In the same direction, the teams presented an increase in the collective effectiveness in the second game in relation to the first game, however no difference between the groups was found. No effect in relation to the change throughout the games and difference between the groups was verified in anxiety. The results allow us to conclude that the increase in the number of times that a team enters the court influences the athlete to feel effective individually and enables an increase in confidence in relation to his team.

Keywords: Anxiety, Self-efficacy, Collective efficacy, Sport, Motivation.

SUMÁRIO

1.1 INTRODUÇÃO.....	10
1.2 MÉTODO	12
1.2.1 Amostra	12
1.2.2 Instrumentos.....	13
1.2.3 Delineamento experimental e procedimentos de coleta.....	13
1.2.4 Análise estatística	13
1.3 RESULTADOS.....	14
1.3.1 Autoeficácia	14
1.3.2 Eficácia coletiva	15
1.3.3 Ansiedade	15
1.4 DISCUSSÃO.....	16
1.5 CONCLUSÃO.....	19
1.6 REFERÊNCIAS.....	21
2. NORMAS DA REVISTA.....	25
Instruções para Autores	25
Apresentação e Estrutura do Trabalho	25
ANEXOS.....	29
APÊNDICES.....	34

APRESENTAÇÃO GERAL

Este Trabalho de Conclusão de Curso atende ao regimento do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia. Em seu volume, como um todo, é composto de duas partes:

1. ARTIGO: Voleibol e a ansiedade, autoeficácia e eficácia coletiva: Um estudo comparativo em jogadores de diferentes categorias

2. NORMAS DA REVISTA: Cuadernos de Psicología del Deporte

1. ARTIGO

Secção/Tipo de Artigo: Investigação Original

Voleibol e a ansiedade, autoeficácia e eficácia coletiva: Um estudo comparativo em jogadores de diferentes categorias

**Volleyball and anxiety, self-efficacy and collective efficacy:
A comparative study on players of different categories**

Vinícius Jordão Silva¹, Ricardo Drews¹

Filiação:

¹ Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Uberlândia

Contato:

Vinícius Jordão Silva

Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia

Endereço para Correspondência:

Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - Campus Educação Física

Rua Benjamim Constant, 1286, Uberlândia – MG, Brasil

CEP: 38400-678

E-mail: bobviniciuss@hotmail.com

Telefone: 34 3218-2910

1.1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o voleibol ocupa um lugar de destaque entre os esportes de rendimento no Brasil. Segundo Nogueira (2016), a ênfase dada ao esporte e aos atletas destaques, principalmente pela mídia, tem feito com que o treinamento do voleibol necessite se tornar cada vez mais sistematizado e profissionalizado, exigindo constantemente o máximo rendimento dos atletas e a superação de seus limites.

Dentro desse contexto, uma série de estudos tem indicado que as variações no rendimento durante as partidas são, muitas vezes, decorrentes de flutuações cognitivas, o que não está associado apenas à mudança no nível de habilidade motora do jogador, na sua capacidade fisiológica ou na mecânica do movimento, mas sim em seu controle mental (por exemplo, Bassi, 2013; Gomes, Miranda, Filho, & Brandão, 2012). Em outras palavras, podem estar associados a aspectos psicológicos dos atletas.

A autoeficácia, também nomeada como autoeficácia geral ou individual, é uma variável de destaque dentro dessas variações cognitivas (Ferreira, 2018), sendo definida como os julgamentos que as pessoas fazem de sua capacidade ou de sua habilidade para organizar e executar os cursos de ação necessários para alcançar determinados tipos de desempenhos ou comportamentos (Pajares, 1996). Bandura (1986) sugere que é preciso desenvolver crenças nas habilidades para produzir os resultados almejados, o que, usualmente, auxilia no desenvolvimento das competências necessárias para o alcance da maestria. Desta forma, a autoeficácia pode estar relacionada a confiança do ser humano em manter o foco totalmente na tarefa ou na experiência, ficando menos apreensivo em relação ao resultado ou à avaliação dos outros (Bandura, 1986).

Além da autoeficácia, a eficácia coletiva também tem assumido papel de destaque nos esportes nas últimas décadas (Short, Smiley, & Ross-Stewart, 2005). Especificamente, a eficácia coletiva refere-se a visão do indivíduo quanto ao seu grupo no que se refere a capacidades conjuntas para organizar e executar as ações necessárias para o alcance de determinado objetivo, seja este proposto por seus membros ou imposto ao grupo (Bandura, 1997). Neste sentido, os membros da equipe devem compartilhar crenças de eficácia coletiva, acreditando que o objetivo pode ser alcançado e que possuem as habilidades necessárias para produzir o resultado esperado, com sucesso (Horn, 2008).

Dentre os componentes que podem interferir na autoeficácia e eficácia coletiva, uma variável destacada é o nível de ansiedade do atleta (Craft, Magyar,

Becker, & Feltz, 2003). Pesquisas têm buscado esclarecer a complexidade da ansiedade no contexto esportivo (por exemplo, Becker Júnior, 2000; Fleury, 2005; Miranda & Bara Filho, 2008), sendo indicado, de uma maneira geral, que quando os indivíduos experimentam sensações elevadas de ansiedade, reportam menos autoeficácia; e quando a autoeficácia aumenta, é diminuída a sensação de ansiedade (Bandura, 1977, 1997). Por sua vez, a relação entre a ansiedade e eficácia coletiva permanece ainda pouco explorada, visto que não foram encontrados indicativos dos efeitos dessas variáveis conjuntamente.

Com enfoque no voleibol, poucos estudos são localizados verificando os efeitos das variáveis citadas (Caruzzo, Abiko, Silva, Vieira, & Nazario, 2013; Fransen et al., 2012; Gomes et al., 2012; Machado, Paes, Alquiére, Osiecki, Lirani, & Stefanello, 2016). Por exemplo, Machado et al. (2016) não verificaram diferença no nível de ansiedade em jogadores de voleibol infanto-juvenis de diferentes sexos (idade média de 16 anos). Na mesma direção, Gomes et al. (2012) encontraram aumento da autoeficácia ao longo dos jogos em jogadores adultos de voleibol durante três partidas de um campeonato regional. Já relacionado à eficácia coletiva, Fransen et al. (2012) encontraram que a comunicação positiva e reações negativas dos jogadores são pontos extremos da alta e baixa eficácia coletiva no contexto do voleibol.

O panorama de estudos se torna escasso ao buscar estudos que verificaram essas variáveis em diferentes níveis de desenvolvimento cronológicos dos atletas. De uma maneira geral, a formação de atletas é uma tarefa complexa ao considerar as particularidades de cada faixa etária aliadas às características da modalidade esportiva. De acordo com Miranda (2013), verifica-se que, especialmente entre 12 e 18 anos, período que corresponde àquele reconhecido como adolescência, tal complexidade envolve aspectos que vão desde o desenvolvimento físico particularmente advindo do aumento da produção de hormônios, bem como modificações psicológicas por meio das manifestações da adaptação emocional e organização mental para os vários processos perceptivos. Após os 18 anos, tais características indicam serem mais estáveis a partir das características maturacionais alcançadas a partir do desenvolvimento biológico do ser humano (Gallahue & Ozmun, 2005).

Apesar de tais características indicarem relevância na formação dos atletas de voleibol, um único estudo foi encontrado analisando variáveis psicológicas em atletas de diferentes idades. Especificamente, Nogueira (2016) verificou que atletas de voleibol apresentaram, no geral, um perfil de baixos níveis de ansiedade e altos níveis

de autoeficácia em um grupo atletas profissionais adultos e outro infante-juvenil. No presente estudo, no entanto, não foi analisada a eficácia coletiva, a qual tem recebido destaque nos esportes coletivos nas últimas décadas (por exemplo, Keshtan, Ramzaninezhad, & Kordsooli, 2010; Myers, Feltz, & Short, 2004; Shearer, Thompson, Mellalieu, & Shearer, 2007). Logo, surge o questionamento se tais variáveis psicológicas, sejam elas, a autoeficácia, eficácia coletiva e ansiedade, são afetadas de forma distinta no contexto do voleibol a partir das diferenças de idades dos atletas.

Assim, o objetivo do presente estudo foi investigar os níveis de autoeficácia, eficácia coletiva e ansiedade em jogadores de voleibol de diferentes categorias. Para isso, foram analisadas duas equipes em jogos de campeonatos estaduais de Minas Gerais – MG. Espera-se que os atletas das diferentes categorias modifiquem as variáveis analisadas ao longo dos jogos.

1.2 MÉTODOS

1.2.1 Amostra

Participaram 24 atletas (homens), sendo 12 integrantes da categoria sub-17 com idade média de $15,8 \pm 0,8$ anos e média de treinamento na modalidade de ± 2 anos; e 12 integrantes da categoria sub-21, com média de idade $19,8 \pm 0,11$ anos e média de treinamento na modalidade de ± 6 anos.

A amostra foi escolhida por conveniência e os critérios para a inclusão dos atletas na pesquisa constituíram-se no fato de estarem em processo de treinamento na cidade de Uberlândia – MG e serem integrantes da equipe de base para os campeonatos disputados na temporada. Este estudo foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Uberlândia (CAAE: 01281112.2.0000.5391). Todos os atletas incluídos no estudo foram informados da pesquisa e a participação foi condicionada ao preenchimento de um Termo de Consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE A), que informava os procedimentos da pesquisa, bem como os direitos do participante em um experimento para fins científicos pelos atletas da equipe sub-21 e pelos pais ou responsáveis da equipe sub-17.

1.2.2 Instrumentos

Foram utilizados três questionários para a coleta de dados. O primeiro foi o *Competitive State Anxiety Inventory-2 (CSAI-2)* (Martens, Vealley, & Burton, 1990; Fernandes, Vasconcelos-Raposo, & Fernandes, 2012) (ANEXO A), que consiste em 27 questões divididas em 3 subescalas que avaliam ansiedade cognitiva, ansiedade somática e autoconfiança, sendo as respostas em uma escala de 1 (“nada”) a 4 (“muito”). O segundo questionário foi de autoeficácia (Bandura, 2006; Carmo, 2006) (ANEXO B), que possui 8 questões e suas respostas em uma escala de 0 (“nada confiante”) a 10 (“extremamente confiante”) em relação sua perspectiva de alcançar o desempenho no próximo jogo a ser realizado. O terceiro foi de eficácia coletiva (Short et al., 2005; Paes, 2014) (ANEXO C), que consiste de 20 questões divididas em 5 subescalas: habilidade, esforço, persistência, preparação e união. As respostas também foram em uma escala de 0 (“nada confiante”) a 10 (“extremamente confiante”).

1.2.3 Delineamento experimental e procedimentos de coleta

A coleta de dados referente às variáveis de autoeficácia, eficácia coletiva e ansiedade foi realizada antes de 3 partidas de voleibol de duas equipes da cidade de Uberlândia - MG. Cada um dos jogos fez parte da primeira fase de um campeonato específico a nível estadual, organizado pela Federação Mineira de Voleibol (FMV), do qual as equipes participaram na temporada de 2019.

Os dados foram coletados por meio da aplicação coletiva dos instrumentos aos participantes com 10 minutos de antecedência aos jogos, por meio da entrega e orientação dos instrumentos pelo próprio pesquisador.

1.2.4 Análise estatística

Para análise descritiva, foram realizadas média e desvio padrão das respostas dos questionários. Para análise inferencial, inicialmente, foram testados os pressupostos de normalidade (teste Shapiro-Wilk) e homogeneidade de variância por meio do teste de Levene antes da realização das análises paramétricas.

Os desempenhos das duas equipes (Sub-21 x Sub-17) em relação aos questionários de autoeficácia, eficácia coletiva e ansiedade foram analisados utilizando a análise de variância (ANOVA) *two-way* (2 Grupos X 3 Partidas) com

medidas repetidas no último fator, separadamente para cada medida. Para localizar possíveis diferenças foi utilizado o teste *Post Hoc* de Tukey. A organização e análise dos dados foram realizadas utilizando o SPSS *for Windows* e o nível de significância considerado foi $\alpha = 0,05$.

1.3 RESULTADOS

1.3.1 Autoeficácia

O teste de ANOVA revelou efeito no fator Jogos, $F(2, 44) = 3,61$, $p = 0,035$, $\eta^2 = 0,14$, sendo que o *Post Hoc* de Tukey detectou que a autoeficácia do primeiro jogo foi inferior ao segundo jogo e ao terceiro jogo ($p = 0,047$, $p = 0,040$) (Figura 1). Na análise do fator Equipes também foi encontrado efeito significativo, $F(1, 22) = 4,32$, $p = 0,049$, $\eta^2 = 0,16$, sendo a autoeficácia superior da equipe sub-17 em relação a equipe sub-21. Não foi observado efeito de interação Equipes X Jogos, $F(2, 44) = 0,182$, $p = 0,834$, $\eta^2 = 0,40$.

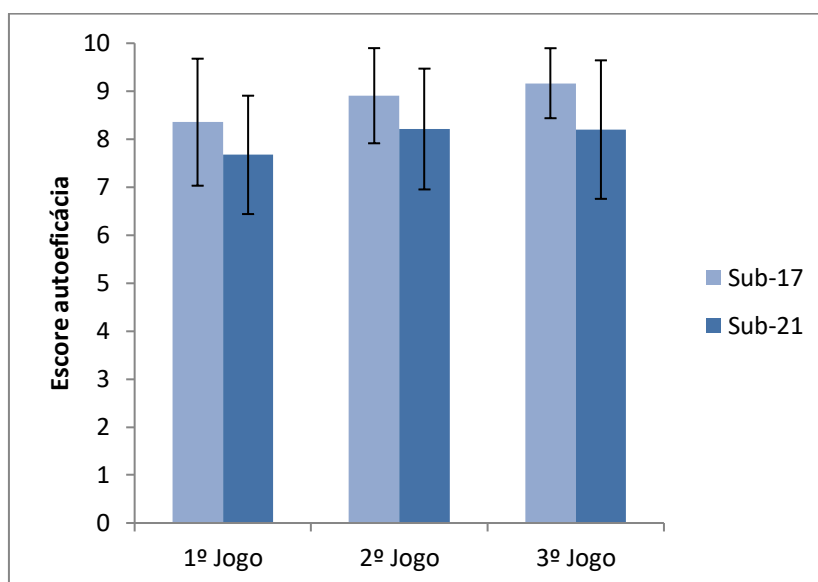


Figura 1 – Escore médio de autoeficácia das equipes Sub-17 e Sub-21 nos três jogos (1º Jogo; 2º Jogo; 3º Jogo). As barras de erro representam o desvio padrão das médias.

1.3.2 Eficácia coletiva

O teste de ANOVA revelou efeito no fator Jogos, $F(1,51, 33,21) = 6,03$, $p = 0,005$, $\eta^2 = 0,21$, sendo que o *Post Hoc* de Tukey localizou que o primeiro jogo revelou eficácia coletiva inferior ao segundo jogo ($p = 0,023$) (Figura 2). Na análise do fator Equipes, por sua vez, não foi encontrado diferença entre as equipes, $F(1, 22) = 2,07$, $p = 0,164$, $\eta^2 = 0,08$. Nenhum efeito de interação Equipes X Jogos foi encontrado, $F(1,51, 33,21) = 0,94$, $p = 0,395$, $\eta^2 = 0,4$.

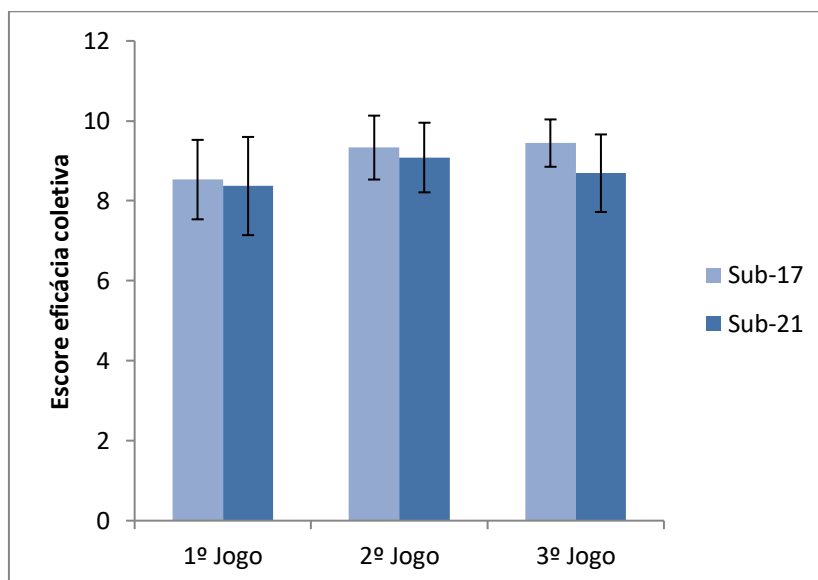


Figura 2 – Escore médio de eficácia coletiva das equipes Sub-17 e Sub-21 nos três jogos (1º Jogo; 2º Jogo; 3º Jogo). As barras de erro representam o desvio padrão das médias.

1.3.3 Ansiedade

O teste de ANOVA não revelou efeito no fator Jogos, $F(1,52, 33,56) = 0,29$, $p = 0,745$, $\eta^2 = 0,01$ (Figura 3). Na mesma direção, também foram encontrados efeitos na análise do fator Equipes, $F(1, 22) = 0,23$, $p = 0,633$, $\eta^2 = 0,01$, como na interação Equipes X Jogos, $F(1,52, 33,56) = 1,16$, $p = 0,323$, $\eta^2 = 0,05$.

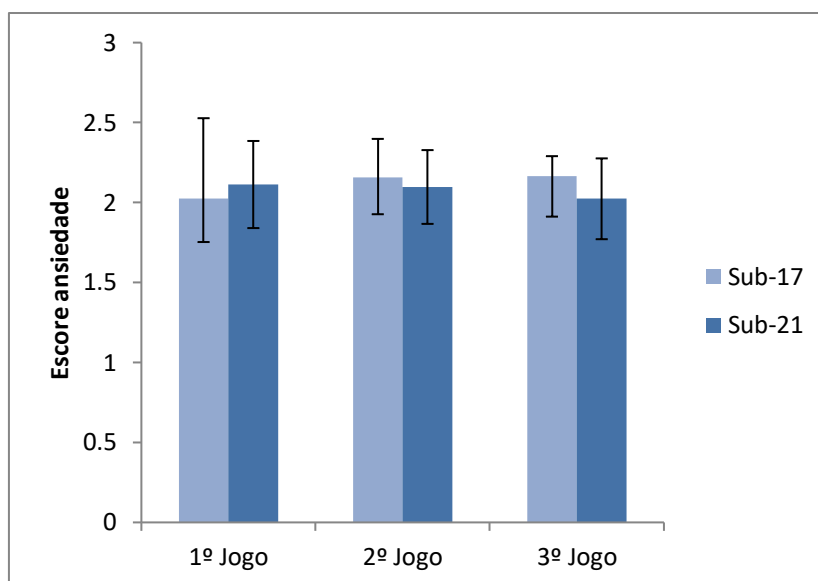


Figura 3 – Escore médio da ansiedade das equipes Sub-17 e Sub-21 nos três jogos (1º Jogo; 2º Jogo; 3º Jogo). As barras de erro representam o desvio padrão das médias.

1.4 DISCUSSÃO

O presente estudo objetivou investigar os níveis de autoeficácia, eficácia coletiva e ansiedade em dois diferentes grupos de jogadores de voleibol ao longo de três partidas oficiais. Os resultados revelaram um aumento da autoeficácia em relação ao primeiro jogo em ambas as equipes, sendo que a equipe sub-17 apresentou uma maior autoeficácia que a equipe sub-21. No que se refere à eficácia coletiva, foi verificado um aumento do segundo para o primeiro jogo, porém sem diferenças entre as duas equipes. Já em relação a ansiedade, nenhuma diferença foi detectada ao longo dos jogos e entre os grupos.

De uma maneira geral, esses resultados mostram que autoeficácia apresentou maiores modificações ao longo das partidas em relação às outras variáveis. Uma possível explicação para esses resultados é que os jogadores apresentaram um grau de convicção na crença de habilidades para os desempenhar os jogos, independente de qual jogo, pois tema percepção de que são capazes de atingir determinados níveis de rendimento. Segundo Bandura (1997), um diferencial dos atletas bem-sucedidos é a habilidade de lidar com os fatores estressores da competição para que não haja interferência na confiança em suas capacidades durante a partida. Os achados podem sugerir que os jogadores conseguiram lidar de forma positiva com os fatores estressores,

tais como as pressões por parte do treinador, colegas de equipe e torcida, exigência por apresentarem bons resultados.

Tais resultados corroboram os achados de Gomes et al. (2012), no qual foi verificado um aumento da autoeficácia no terceiro jogo em relação ao primeiro em uma equipe adulta de voleibol. Na mesma direção, Nogueira (2016) encontrou altos níveis de autoeficácia em atletas profissionais que disputaram a primeira divisão nacional da modalidade e pertencentes à categoria de base infanto-juvenil da mesma equipe ao longo de diferentes jogos.

Um resultado encontrado que chama atenção diz respeito à superioridade do nível da autoeficácia da equipe sub-17 em relação a equipe sub-21. Bandura (1986) e Feltz (1992) propõem que a autoeficácia pode desenvolver-se e modificar-se por meio de quatro tipos de informações principais, que podem ser resumidas nos seguintes itens: a) experiências diretas de domínio; b) experiências vicárias; c) persuasão social; e d) estados físicos e emocionais. Nenhum desses tópicos foi controlado no presente estudo, sendo que a) experiências diretas de domínio, b) experiências vicárias e d) estados físicos e emocionais estão associadas a características de cada indivíduo e suas próprias experiências anteriores.

Por outro lado, a persuasão social é uma influência na mobilização do esforço e na persistência para a realização das tarefas (Bandura, 1977, 1986), que pode partir de fontes externas, tais como o técnico da equipe. Assim, é possível que a influência do técnico da equipe sub-17 no que diz respeito às ações a serem realizadas nos jogos podem ter elevado a autoeficácia dos atletas em comparação ao técnico da equipe sub-21. Porém, futuros estudos são necessários para verificar a possível relação da persuasão social dos treinadores na autoeficácia de jogadores de voleibol.

De uma maneira geral, Cabral (2008) aponta que crenças pessoais (por exemplo, autoeficácia) na própria competência promovem estados emocionais positivos e geram uma expectativa de melhora, com consequências diretas ou indiretas no desempenho dos atletas de uma equipe. Diante disso, é possível também especular que o aumento da autoeficácia dos atletas pode estar relacionado ao aumento da eficácia coletiva, verificado do segundo para o primeiro jogo.

Especificamente, eficácia coletiva representa o quanto um grupo compartilha crenças de eficácia a respeito de sua capacidade para organizar e executar ações necessárias e específicas para o alcance de determinada meta estipulada pelos membros

ou imposta ao grupo (Bandura, 1997). Desta forma, eficácia coletiva não significa as crenças de eficácia de apenas cada indivíduo de uma equipe, mas sim uma propriedade em nível grupal, compartilhada.

De forma similar na medida de autoeficácia, persuasão verbal auxilia a pessoa a construir e reforçar as crenças a respeito de suas habilidades, que são necessárias na realização das tarefas exigidas para se alcançar uma meta, através de eventos passados de sucesso (Feltz & Lirg, 1996). Assim, é possível que a persuasão verbal decorrente das falas dos treinadores direcionadas aos atletas, em forma de reforço perante uma tarefa realizada bem, ou apoio e incentivo perante a um fracasso podem ter afetado a eficácia coletiva, sendo que uma ênfase pode ter sido dado durante e após o primeiro jogo de modo que um maior alcance de eficácia coletiva foi visualizado no segundo jogo.

Em um estudo realizado na Bélgica, Fransen et al. (2012) encontraram oito dimensões que influenciam a eficácia coletiva. Especificamente: (1) comunicação de apoio positivo, (2) indicações positivas antes do jogo, (3) própria equipe está na liderança no jogo, (4) intervenções do treinador, (5) ações emocionais positivas dos jogadores, (6) própria equipe está atrás no jogo, (7) erros da própria equipe e (8) negativas reações emocionais dos jogadores. Tais achados auxiliam a explicar os resultados do presente estudo, sendo possível especular que o item 4 pode ser uma das dimensões que mais impactaram no resultado encontrado. No entanto, como apontado na medida de autoeficácia, futuros estudos são necessários para confirmar as possíveis hipóteses explicativas postuladas para os resultados encontrados.

Já em relação à ansiedade, nenhum efeito foi localizado ao longo das partidas como também entre os grupos. Segundo Souza, Rech, Sarabia, Anez e Reis (2013), a ansiedade reflete uma interpretação cognitiva da situação, que pode ser influenciada pela percepção do atleta em relação à importância da competição para si mesmo e pela auto-avaliação das próprias capacidades de enfrentar os obstáculos que serão encontrados em cada campeonato. Portanto, na média da quantidade de partidas, pode-se inferir que os atletas se consideraram aptos para enfrentar todos os adversários da mesma maneira, independente do campeonato em que ocorreram, o que acabou não trazendo alteração ao longo das partidas, como também entre os grupos.

Estudos têm proposto que a ansiedade tem relação com variáveis que podem influenciar diretamente o desempenho dos atletas como a experiência esportiva,

natureza do esporte, idade, sexo, nível competitivo, posição em que atua na equipe e habilidade em lidar com os sentimentos de apreensão (Guillén & Sánchez, 2009; Parry, Chinnasamy, Papadopoulou, Noake, & Micklewright, 2011; Ramis & Torregrosa, 2013). Tal panorama, no entanto, não corrobora os resultados do presente estudo. Por sua vez, os resultados encontrados vão em direção o estudo de Machado (2016), o qual analisou a ansiedade de atletas de quatro equipes de voleibol infato-juvenis, idade similar ao do presente estudo. Os autores encontraram que as equipes apresentaram níveis de ansiedade geral similares a partir da avaliação do questionário CSAI-2.

Para Martens, Vealley, e Burton (1990), existem muitas causas para o aparecimento da ansiedade antes da competição, mas em geral, elas reduzem-se a dois fatores: a incerteza que os indivíduos possuem acerca do resultado e a importância que o resultado representa para os indivíduos. Esses fatores podem auxiliar no entendimento dos resultados encontrados, uma vez que, todos eles são diferentes de uma equipe para outra. Nesse sentido, seria interessante em futuros estudos verificar a importância do campeonato para os participantes da equipe, por mais que no presente estudo as duas equipes tenham disputado o campeonato a nível estadual.

Por fim, o presente trabalho, como a maioria das investigações, não está isento de limitações. Uma delas é o número total de questionários aplicado de uma vez só aos jogadores, o que afetar a sua atenção na realização da tarefa. Outra limitação foi a não utilização de perguntas abertas que poderiam ter contribuído para um melhor entendimento da relação dos jogadores com o treinador e suas possíveis consequências motivacionais.

1.5 CONCLUSÃO

Os resultados encontrados permitem concluir que os níveis de autoeficácia e eficácia coletiva dos atletas de diferentes idades aumentaram ao longo dos jogos de voleibol, com destaque para a equipe sub-17. Por sua vez, a ansiedade não se mostrou uma variável afetada ao longo dos jogos de voleibol. Pelo escasso número de estudos analisando essas três variáveis psicológicas no voleibol, são necessários mais estudos fazendo comparação entre as diferentes níveis de categorias de base, entre sexos e relacionando, principalmente, com o seu desempenho no jogo.

De uma maneira geral, pode-se sugerir que a autoeficácia e a eficácia coletiva recebam atenção e sejam trabalhados pelos treinadores de voleibol de forma similar a outros aspectos do treinamento, tais como a preparação física, técnica e tática. A interação desses fatores pode acarretar em um melhor desempenho dos atletas individualmente e coletivamente.

1.6 REFERÊNCIAS

- Bassi, F. M. (2013). *Efeito do conhecimento sobre a presença da câmera filmadora no desempenho motor global de criança* (Dissertação de mestrado). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a Unifying Theory of Behavioral Change. *Psychological Review*, 84(2), 191-215. [https://doi.org/10.1016/0146-6402\(78\),90002-4](https://doi.org/10.1016/0146-6402(78),90002-4).
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. New Jersey: Prentice Hall.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: Freeman.
- Bandura, A. (2006). Guide for Constructing Self-Efficacy Scales. In: F. Pajares, & T. S. Urdan (Eds.), *Self-Efficacy Beliefs of Adolescents* (pp. 307-337). Greenwich: Age Information Publishing.
- Becker Jr., B. (2000). *Manual de psicologia do esporte e exercício*. Porto Alegre: Nova Prova.
- Caruzzo, N. M., Abiko, R. H., Silva, J. C. da, Vieira, J. L. L., & Nazario, P. F. (2013). Relação entre o nível de autoeficácia e o desempenho de atletas de vôlei de praia. *Revista Arquivos em Movimento*, 9(2), 08-18.
- Chow, G. M., & Feltz, D. L. (2008). Exploring the relationships between collective efficacy, perceptions of success, and team attributions. *Journal of Sports Sciences*, 26(11), 1179-1189. <https://doi.org/10.1080/02640410802101827>.
- Claudino, J. G. O., Costa, I. T., Teixeira, P. S., Ribeiro, R. S., & Pussieldi, G. A. (2008). Análise dos fatores de estresse e ansiedade pré-competitiva em jogadores de futebol de campo da categoria Sub-20. *Revista Brasileira de Futebol*, 1(1), 11-19.
- Corrêa, D. K. A., & Strey, M. N. (1999). Cidadão ou fonte de alienação: O jogador de futebol em uma análise psicossocial. *Revista Psico*, 30(2), 129-142.
- Craft, L. L., Magyar, T. M., Becker, B. J., & Feltz, D. L. (2003). The relationship between the Competitive State Anxiety Inventory-2 and sport performance: A meta-analysis. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 25(1), 44-65.
- Fernandes, M., Vasconcelos-Raposo, J., & Fernandes, H. (2012). Relação entre orientações motivacionais, ansiedade e autoconfiança, e bem-estar subjetivo em atletas brasileiros. *Motricidade*, 8(3), 4-18. [http://dx.doi.org/10.6063/motricidade.8\(3\).1152](http://dx.doi.org/10.6063/motricidade.8(3).1152).

- Ferreira, M. A. C. (2008). *A influência da auto-eficácia e da ansiedade em jogadores de futebol* (Dissertação de mestrado). Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- Feltz, D. L. (1992). Understanding motivation in sport: A self-efficacy perspective. In G. C. Roberts, (Ed.), *Motivation in sport and exercise* (pp. 93-105). Champaign, IL: Human Kinetics
- Feltz, D. L., & Lirgg, C. D. (1996). Perceived team and player efficacy in hockey. *Journal of applied psychology*, 83(4), 557.
- Fleury, S. (2005). *Ansiedade Pré-Competitiva*. São Paulo: Disponível em: <<http://www.suzyfleury.com.br>>.
- Fransen, K., Vanbeselaere, N., Exadaktylos, V., VandeBroek, G., De Cuyper, B., Berckmans, D. & Boen, F. (2012). “Yes, we can!”: Perceptions of collective efficacy sources in volleyball. *Journal of Sports Sciences*, 30(7), 641-649.
- Fuster-Parra, P., García-Mas, A., Ponseti, F. J., & Leo, F. M. (2015). Team performance and collective efficacy in the dynamic psychology of competitive team: A Bayesian network analysis. *Human Movement Science*, 40, 98-118. <https://doi.org/10.1016/j.humov.2014.12.005>.
- Gallahue, D. L., & Ozmun, J. C. (2005). *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo: Phorte.
- Gomes, S. S., Miranda, R., Bara Filho, M. G., & Brandão, M. R. F. (2012). O fluxo no voleibol: relação com a motivação, autoeficácia, habilidade percebida e orientação às metas. *Revista da Educação Física/ UEM*, 23(3), 379-387. <https://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v23i3.17024>
- Guillén, F., & Sánchez, R. (2009). Competitive anxiety in expert female athletes: sources and intensity of anxiety in National Team and First Division Spanish basketball players. *Perceptual and Motor Skills*, 109(2), 407-419. <https://dx.doi.org/10.2466/PMS.109.2.407-419>.
- Horn, J. (2008). Human research and complexity theory. *Educational Philosophy and Theory*, 40(1), 130-143. <https://dx.doi.org/10.1111/j.1469-5812.2007.00395.x>.
- Keshtan, M. H., Ramzaninezhad, R., Shafiee, S., & Panahi, P. M. (2010). The Relationship Between Collective Efficacy and Coaching Behaviors in Professional Volleyball League of Iran Clubs. *World Journal of Sport Sciences*, 3(1), 01-06.

- Lavoura, T. N., & Machado, A. A. (2006). Esporte de aventura de rendimento e estados emocionais: relações entre ansiedade, autoconfiança e auto-eficácia. *Motriz*, 12(2), 143-148.
- Machado, T. do. A., Paes, M. J., Alquiére, S. M., Osiecki, A. C. V., Lirani, L. da S., & Stefanello, J. M. F. (2016). Ansiedade estado pré-competitiva em atletas de voleibol infanto-juvenis. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30(4), 1061-1067. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-55092016000401061>.
- Martens, S. R., Vealley, R. S., & Burton, D. (1990). *Competitive anxiety in sport*. Champaign: HumanKinetic.
- Massa, M. (1999). *Seleção e promoção de talentos esportivos em voleibol masculino: análise de aspectos cineantropométricos* (Dissertação de mestrado). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Milavic, B., Jurko, D., & Grgantov, Z. (2013). Relations of Competitive State Anxiety and Efficacy of Young Volleyball Players. *Collegium antropologicum*, 37(2), 83-92.
- Miranda, R., & Bara Filho, M. G. (2008). *Construindo um atleta vencedor: uma abordagem psicofísica do esporte*. Porto Alegre: Artmed.
- Miranda, R. (2013). *Reflexões do esporte para o desempenho humano*. Curitiba: CRV.
- Myers, N. D., Feltz, D. L., & Short, S. E. (2004). Collective Efficacy and Team Performance: A Longitudinal Study of Collegiate Football Teams. *Group Dynamics Theory Research and Practice*, 8(2), 126-138. <https://dx.doi.org/10.1037/1089-2699.8.2.126>.
- Nogueira, F. C. de A. (2016). *Crença de auto eficácia e ansiedade em atletas de voleibol* (Tese de doutorado). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.
- Paes, M. J. (2014). *Validação do Collective Efficacy Questionnaire For Sports (CEQS) para atletas brasileiros* (Dissertação de mestrado). Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- Pajares, F. (1996). Self-efficacy beliefs in academic settings. *Review of Educational Research*, 66(4), 543-578.
- Parry, D., Chinnsamy, C., Papadopoulou, E., Noakes, T., & Micklewright, D. (2011). Cognition and performance: Anxiety, mood and perceived exertion among Ironman

- triathletes. *British Journal of Sports Medicine*, 45(14), 1088-1094. <https://doi.org/10.1136/bjism.2010.07263>.
- Paskevich, D. M., Brawley, L. R., Dorsch, K. D., & Widmeyer, W. N. (1999). Relationship between collective efficacy and team cohesion: Conceptual and measurement issues. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 3(3), 210-222. <https://doi.org/10.1037/1089-2699.3.3.210>
- Ramis, Y., Torregrosa, M., & Cruz, J. (2013). Simon & Martens revisited: competitive anxiety in youth sports. *Revista de Psicología del Deporte*, 22(1), 77-83.
- Shearer, D. A., Thomson, R., Mellalieu, S. D., & Shearer, C. R. (2007). The relationship between imagery type and collective efficacy in elite and non elite athletes. *Journal of Sports Science and Medicine*, 6(2), 180-187.
- Short, S., Smiley, M., & Ross-Stewart, L. (2005). The Relationship between Efficacy Beliefs and Imagery Use in Coaches. *The Sport Psychologist*, 19(4), 380-394. <https://doi.org/10.1123/tsp.19.4.380>.
- Silva, M. M. F. da, Vidual, B. de P., Oliveira, R. A. de, Yoshida, H. M., Borin, J. P., & Fernandes, P. T. (2014). Ansiedade e desempenho de jogadoras de voleibol em partidas realizadas dentro e fora de casa. *Revista da Educação Física / UEM*, 25(4), 585-596. <https://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v25i4.24347>.
- Souza, C. A. de, Rech, C. R., Sarabia, T. T., Añez, C. R. R., & Reis, R. S. (2013). Autoeficácia e atividade física em adolescentes de Curitiba, Paraná, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(10), 2039-2048. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00127312>.

2. NORMAS DA REVISTA

Instruções para Autores

A revista Cuadernos de Psicología do Relatório (CPD), com ISSN 1989-5879, é uma publicação publicada pela Universidade de Múrcia continuamente desde 2001, com periodicidade trimestral. Trata-se de um periódico arbitrado que utiliza o sistema de revisão por pares externo para trabalhos científicos no campo da Psicologia do Esporte e Ciências do Esporte, com rigor metodológico e contribuições inovadoras. Os manuscritos devem ser preparados de acordo com as indicações do "Manual de Estilo das Publicações da American Psychological Association, 6ª edição" (APA, 2010, <http://www.apastyle.org/>), bem como as especificações do CPD. Cada edição da revista é publicada na versão impressa e na versão eletrônica, e está disponível pela última vez em <http://revistas.um.es/cpd>.

Apresentação e Estrutura do Trabalho

Trabalhos escritos em espanhol, português e inglês podem ser enviados, embora em todos os casos haja um resumo em espanhol, inglês e português. O texto será escrito em Times New Roman 12, com espaçamento entre linhas de 1,5. As margens das páginas serão de 2,5 cm.

Os manuscritos serão enviados à revista por meio da plataforma digital Open Journal System OJS (<http://revistas.um.es/cpd>), onde os autores devem incluir na seção Metadados todos os seus dados pessoais (principalmente nomes, sobrenomes) e afiliação) e, se pertencem, seus identificadores (ORCID, autores Redalyc, ID da pesquisa, ...)

O manuscrito será acompanhado de uma carta de apresentação solicitando a consideração do manuscrito, na qual o autor também explicará em 4-5 linhas, qual é a contribuição original do trabalho que ele apresenta e de suas novidades, a declaração de não entrega simultânea a outros periódicos e a confirmação dos autores signatários. Da mesma forma, esta carta incluirá a transferência de direitos ao editor. O autor deve manter uma cópia do original para evitar perdas ou danos irreparáveis do material. Ele deve ser enviado em WORD.

Os manuscritos serão submetidos de acordo com a seguinte ordem e estrutura:

Para todo o documento, quando apresentado em espanhol, os caracteres em espanhol devem ser usados. Assim, o espanhol “y” deve ser usado em vez do inglês “&”, tanto no texto quanto na seção de referências. Use a vírgula em vez do ponto como um separador decimal.

MUITO IMPORTANTE: Os dados dos autores e sua afiliação aparecerão apenas nos metadados da plataforma quando o arquivo for carregado com o original

Página do título Primeira página do manuscrito como capa do manuscrito, esta primeira página conterá:

O título do artigo (conciso, mas informativo), em espanhol e inglês, estava em conformidade com o maior número possível de termos significativos (Glossário de Psicologia, disponível em <http://www.apa.org/>).

Bolsas de estudo, subsídios ou apoio financeiro disponível (Projetos de Pesquisa) para subsídios ao trabalho e outras especificações, quando aplicável.

Páginas de resumo e palavras-chave (segunda e terceira página, se necessário, do manuscrito)

Uma segunda página independente deve conter o título do artigo e o título abreviado (Running Head de no máximo 8 palavras), um resumo do conteúdo do artigo em espanhol e a lista de palavras-chave. O resumo e as palavras-chave terão uma versão em inglês, português e espanhol. O resumo do trabalho terá uma extensão entre 150 e 250 palavras.

Palavras-chave: Abaixo do resumo, serão especificadas 3-5 palavras-chave que identificam o conteúdo do trabalho para inclusão em bancos de dados e bancos de dados nacionais e internacionais. Não repita as palavras do título. Termos de referência controlados devem ser usados (Glossário de Psicologia, acessível em <http://www.apa.org/> para Psicologia).

Texto do manuscrito (a quarta página será o início do texto do manuscrito)

A quarta e subsequentes páginas serão aquelas dedicadas ao texto do manuscrito (máximo de 25 páginas, se for um Artigo Original, e máximo de 30 páginas, se for uma Revisão). No caso de cartas ao diretor de, no máximo, uma página, Para resenhas de livros, no máximo 1000 palavras. Os trabalhos originais devem obedecer às seguintes seções: Introdução, Método, Resultados, Discussão e Aplicações Práticas.

Introdução: deve incluir os fundamentos e o objetivo do estudo, utilizando as citações bibliográficas estritamente necessárias e atualizadas.

Método: Recomenda-se começar propondo o tipo de desenho de pesquisa realizado, para o qual os autores podem consultar o trabalho de Ato, López e Benavente (2013) ([http://revistas.um.es/analesps/article/view / analessps. 29.3.178511 / 152221](http://revistas.um.es/analesps/article/view/analesps.29.3.178511/152221)). O cálculo do tamanho da amostra e o método de amostragem utilizado serão descritos. Será feita referência ao tipo de análise estatística utilizada. No caso de trabalhos experimentais em que grupos humanos ou animais tenham sido utilizados, será indicado se os critérios éticos aprovados pela comissão correspondente do centro em que o estudo foi realizado foram levados em consideração e, em qualquer caso, se os acordos da Declaração de Helsinque foram respeitados em sua revisão de outubro de 2000, preparada pela Associação Médica Mundial (<http://www.wma.net/>).

Resultados: Eles aparecerão em uma sequência lógica no texto, tabelas ou figuras e os mesmos dados não devem ser repetidos em todos eles.

Discussão: Mencione inferências dos resultados e suas limitações, incluindo deduções para pesquisas futuras.

Aplicações práticas: Os autores devem fornecer informações sobre como transferir os resultados e conclusões obtidos em seu trabalho (psicólogos, treinadores, gerentes, professores, treinadores físicos, etc.) para o campo aplicado, para os quais questões importantes da população, setor ou ambiente são importantes. Os resultados obtidos.

Agradecimentos: Se aplicável.

Conflitos de interesse: se aplicável

Referências: elas devem ser preparados de acordo com as indicações do "Manual de Estilo de Publicações da American Psychological Association, 6a edição" (APA, 2010, <http://www.apastyle.org/>), bem como levando em consideração as especificações do CPD.

Tabelas: Elas devem ser inseridos no texto em que o autor ou autores consideram que devem buscar uma melhor compreensão do mesmo. Eles devem ser numerados e intitulados acima da tabela. Use apenas linhas horizontais (não verticais) para separar o cabeçalho da tabela, seções grandes e fechar a tabela. O texto, tanto da legenda quanto da tabela, deve ser Times New Roman, tamanho 10.

Figuras: Todos os tipos de fotografias, gráficos ou desenhos serão considerados figuras. Eles devem ser numerados e intitulados abaixo da figura.

ANEXOS

Anexo A – Competitive State Anxiety Inventory-2 (CSAI-2)

Preencha esse questionário assinalando na frente das afirmações seus sentimentos, levando em consideração uma escala de 1 a 4 sendo (1 = nada a 4 = muito).

1. Estou preocupado(a) com este jogo ____
2. Sinto-me nervoso(a) ____
3. Sinto-me à vontade ____
4. Tenho dúvidas acerca de mim próprio(a) ____
5. Sinto-me agitado(a) ____
6. Sinto-me confortável ____
7. Estou preocupado(a) porque posso não render tão bem como poderia neste jogo/prova ____
8. Sinto o meu corpo tenso ____
9. Sinto-me auto-confiante ____
10. Estou preocupado(a) pelo fato de poder perder ____
11. Sinto tensão no meu estômago ____
12. Sinto-me seguro(a) ____
13. Estou preocupado(a) pelo fato de poder falhar sob a pressão da competição ____
14. Sinto o meu corpo relaxado ____
15. Estou confiante de que posso corresponder ao desafio que me é colocado ____
16. Estou preocupado(a) pelo fato de poder ter um mau rendimento ____
17. O meu coração está a bater muito depressa ____
18. Estou confiante de que vou ter um bom rendimento ____
19. Estou preocupado(a) pelo fato de poder não atingir o meu objetivo ____
20. Sinto o meu estômago "às voltas" ____
21. Sinto-me mentalmente relaxado(a) ____
22. Estou preocupado(a) pelo fato de os outros poderem ficar desapontados com o meu rendimento ____
23. As minhas mãos estão frias e úmidas ____
24. Estou confiante porque me imagino, mentalmente, a atingir o meu objetivo ____
25. Estou preocupado(a) pelo fato de poder não ser capaz de me concentrar ____

26. Sinto o meu corpo rígido ____

27. Estou confiante em conseguir ultrapassar os obstáculos sob a pressão da competição

APÊNDICES

Apêndice A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “A influência da autoeficácia e da ansiedade no desempenho técnico de jogadores de voleibol”, sob a responsabilidade do pesquisador Ricardo Drews, professor da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, e do discente Vinícius Jordão Silva, aluno do curso de Educação Física da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia.

A presente pesquisa busca objetivo investigar os efeitos da autoeficácia e da ansiedade no desempenho técnico de jogadores de voleibol em partidas oficiais. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador Ricardo Drews, e sua participação na pesquisa, será condicionada ao preenchimento do referido Termo antes do início da prática. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Os riscos são mínimos e consiste na identificação do participante da pesquisa, porém este risco será minimizado, uma vez que os pesquisadores se comprometerão com o sigilo absoluto da identidade dos indivíduos participantes, identificando-os por números. Os benefícios serão o recebimento de informações a respeito da avaliação da sua autoeficácia e ansiedade em relação seu desempenho nos jogos.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Ricardo Drews – Telefone para contato: 34 3218-2910 - Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Campus Educação Física, Rua Benjamim Constant, 1286, Uberlândia - MG - CEP 38400-678. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde. Uberlândia, de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa

Rubrica do Participante da pesquisa

Rubrica do Pesquisador



Equipe Sub-17 – Academia do Volêi



Equipe Sub-21 – Uberlândia Volêi